

O Serviço Social e a Superação das Desigualdades Sociais 2

Thaislayne Nunes de Oliveira
(Organizadora)



O Serviço Social e a Superação das Desigualdades Sociais 2

Thaislayne Nunes de Oliveira
(Organizadora)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás

Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: David Emanuel Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Thaislayne Nunes de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S491 O serviço social e a superação das desigualdades sociais 2 /
Organizadora Thaislayne Nunes de Oliveira. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-665-2

DOI 10.22533/at.ed.652201512

1. Serviço Social. I. Oliveira, Thaislayne Nunes de
(Organizadora). II. Título.

CDD 361.3

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

Caro leitor, o volume 2 do livro “O Serviço Social e a Superação das Desigualdades Sociais” dá continuidade a discussão acerca do Serviço Social e políticas públicas. E neste volume ainda são expostas três experiências internacionais. Ao todo são 21 artigos, que apresentam diferentes objetos, análises críticas e abordagens metodológicas.

Novamente optamos por dividir os artigos em eixos centrais. O primeiro eixo versa sobre “questão social”, trabalho, formação profissional, pesquisa e extensão em Serviço Social. Já o segundo eixo identifica estudos de diferentes áreas da Política Pública de Saúde; é um eixo plural e contempla diferentes lócus e espaços socioocupacionais. Aborda aspectos relacionados à saúde pública e efetivação dos direitos, dos usuários com doenças graves e respectivos acompanhamentos na alta complexidade, violência contra mulheres e ainda expõe a vivência do processo de trabalho junto à população surda.

O terceiro eixo trata-se da Política Pública Assistência Social. Os autores trabalham aspectos inerentes a atual conjuntura brasileira e analisam experiências locais. As contribuições tratam da política pública diante da política da austeridade, sobre o sofrimento dos profissionais no âmbito do SUAS, da participação da sociedade civil (inclusive trabalhando narrativa das mulheres negras acompanhadas por um CRAS), e finalizando, a discussão deste eixo, há um estudo sobre o reordenamento das entidades socioassistenciais na relação público x privado.

No quarto eixo é possível localizar a perspectiva da contrarreforma do Estado e a política de Educação no Brasil, sobre a institucionalização dos adolescentes e sobre o sistema prisional no Brasil, mas precisamente a efetividade das políticas educacionais. O quinto, e último eixo, apresenta a experiência internacional do Serviço Social, ou também conhecido e abordado nos países da América Latina, como: Trabalho Social ou “Trabajo Social”. A discussão apresenta elementos sobre a formação profissional, a atualização curricular e sobre o processo de intervenção profissional.

Como foi possível perceber esta coletânea realiza uma discussão plural e contemporânea. Com isso, torna-se uma leitura essencial, que visa contribuir ao alunado e aos profissionais que compõe o Serviço Social. Meus caros, como apontado no primeiro volume deste livro, estamos vivendo em tempos adversos, que tem refletido no desenvolvimento do processo de trabalho do Assistente Social e no desenvolvimento das políticas públicas brasileiras. Logo, proporcionar a visibilidade dessa discussão ratifica a importância de caminharmos para a efetivação das garantias legais já alcançadas - sem retroceder, bem como no desenvolvimento de outras.

Thaislayne Nunes de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TRABALHO, QUESTÃO SOCIAL, SERVIÇO SOCIAL E OS SEUS DESDOBRAMENTOS NA CONTEMPORANEIDADE

Dayane Karoline Souza de Almeida

Ellen Kelly Ferreira

Ingrid Gomes de Araújo

Marcela da Silva Alves Gomes

DOI 10.22533/at.ed.6522015121

CAPÍTULO 2..... 6

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DO SERVIÇO SOCIAL BRASILEIRO: IMPACTOS NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL, SIGNIFICADO SOCIAL E IDEOPOLÍTICO

Caroline Ramos do Carmo de Souza

DOI 10.22533/at.ed.6522015122

CAPÍTULO 3..... 19

FORMAÇÃO E TRABALHO DOS ASSISTENTES SOCIAIS NA PERSPECTIVA DOS PRINCÍPIOS RELIGIOSOS E ÉTICO-POLÍTICOS

Verônica Gonçalves Azeredo

Pollyanna de Souza Carvalho

Letícia Machado de Araujo

DOI 10.22533/at.ed.6522015123

CAPÍTULO 4..... 31

O CIPÓSS E AS ATIVIDADES DE PESQUISA E EXTENSÃO NO CURSO DE SERVIÇO SOCIAL DA UFRB: QUADRIÊNIO 2017-2020

Heleni Duarte Dantas de Ávila

Jucileide Ferreira do Nascimento

DOI 10.22533/at.ed.6522015124

CAPÍTULO 5..... 42

SERVIÇO SOCIAL E A MULTIPROFISSIONALIDADE NA ALTA COMPLEXIDADE: DESVENDANDO CAMINHOS DE GARANTIA A INTEGRALIDADE E EFETIVAÇÃO DE DIREITOS

Amanda Caroline da Fé Pereira

DOI 10.22533/at.ed.6522015125

CAPÍTULO 6..... 52

A POLÍTICA ASSISTENCIAL EM SAÚDE: UM ESTUDO SOBRE O DIREITO DOS PACIENTES COM INDICAÇÃO AO TRANSPLANTE

Josiane da Costa Sena

DOI 10.22533/at.ed.6522015126

CAPÍTULO 7	64
COMUNICAÇÃO E SERVIÇO SOCIAL NA PERSPECTIVA DOS CUIDADOS PALIATIVOS ONCOLÓGICOS	
Aline Baptista Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.6522015127	
CAPÍTULO 8	76
VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES: A REALIDADE DE IDOSAS DO SUL DA ILHA FLORIANÓPOLIS/SC	
Jozadake Petry Fausto Vitorino	
Maria Regina de Avila Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.6522015128	
CAPÍTULO 9	89
ATENÇÃO EM SAÚDE DA POPULAÇÃO SURDA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA	
Xênia Maria Tamborena Barros	
Luiz Fernando Calage Alvarenga	
DOI 10.22533/at.ed.6522015129	
CAPÍTULO 10	97
VOCÊ CONSEGUE ESCUTAR O SILÊNCIO? ATENDIMENTO AO PACIENTE SURDO NO ÂMBITO HOSPITALAR E O DIREITO À AUTODETERMINAÇÃO	
Geneviève Lopes Pedebos	
Xenia Maria Tamborena Barros	
DOI 10.22533/at.ed.65220151210	
CAPÍTULO 11	104
ASSISTÊNCIA SOCIAL EM TEMPOS DE AUSTERIDADE: DESAFIOS DA IMPLEMENTAÇÃO NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	
Ariane Rego de Paiva	
João Vitor Bitencourt	
Ana Gabriela de Paiva Gonçalves	
DOI 10.22533/at.ed.65220151211	
CAPÍTULO 12	120
O SOFRIMENTO DO ASSISTENTE SOCIAL NO ÂMBITO DO SUAS MODALIDADES DE PESQUISA: PESQUISA TEÓRICA	
Regina Celia de Souza Beretta	
Thércius Oliveira Tasso	
DOI 10.22533/at.ed.65220151212	
CAPÍTULO 13	130
SOCIEDADE CIVIL E PARTICIPAÇÃO DEMOCRÁTICA: OS CONSELHOS MUNICIPAIS DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	
Fabiana Luiza Negri	
DOI 10.22533/at.ed.65220151213	

CAPÍTULO 14.....	142
A POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL EM FORTALEZA-CE: NARRATIVAS DE MULHERES NEGRAS USUÁRIAS DE CENTROS DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL	
Graziela de Oliveira Almeida Leila Maria Passos de Souza Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.65220151214	
CAPÍTULO 15.....	156
O REORDENAMENTO DAS ENTIDADES SOCIOASSISTENCIAIS NA RELAÇÃO PÚBLICO X PRIVADO, NO MUNICÍPIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES-RJ	
Ketnen Rose Medeiros Barreto	
DOI 10.22533/at.ed.65220151215	
CAPÍTULO 16.....	167
UMA ANÁLISE DAS INTERCONEXÕES ENTRE A CONTRARREFORMA DO ESTADO E DA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO NO BRASIL	
Raquel Cristina Lucas Mota	
DOI 10.22533/at.ed.65220151216	
CAPÍTULO 17.....	179
PROCESSO DE INSTITUCIONALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES AUTORES DE ATO INFRAACIONAL E SISTEMA SOCIOEDUCATIVO CEARENSE	
Ana Camila Ribeiro de Paula Leila Maria Passos de Souza Bezerra	
DOI 10.22533/at.ed.65220151217	
CAPÍTULO 18.....	194
A IMPLEMENTAÇÃO E A EFETIVIDADE DAS POLÍTICAS EDUCACIONAIS NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO	
Roberta Gomes Leite Baptista	
DOI 10.22533/at.ed.65220151218	
CAPÍTULO 19.....	209
ACREDITACIÓN DE CARRERAS: OPORTUNIDAD PARA LA ACTUALIZACIÓN CURRICULAR Y MEJORA CONTINUA DE LA FORMACIÓN EN TRABAJO SOCIAL	
Paula Leiva Sandova	
DOI 10.22533/at.ed.65220151219	
CAPÍTULO 20.....	220
LA EDUCACIÓN DESCOLONIZADORA, COMUNITARIA Y PRODUCTIVA PARA LA FORMACIÓN DEL TRABAJO SOCIAL	
Natalia Rosario Aranibar Escarcha	
DOI 10.22533/at.ed.65220151220	

CAPÍTULO 21.....	232
TALLER REFLEXIVO SOBRE FOTOINTERVENCIÓN. UNA TÉCNICA DE INVESTIGACIÓN SOCIAL CRÍTICA	
María Rocío Menanteux Suazo	
DOI 10.22533/at.ed.65220151221	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	240
ÍNDICE REMISSIVO.....	241

CAPÍTULO 20

LA EDUCACIÓN DESCOLONIZADORA, COMUNITARIA Y PRODUCTIVA PARA LA FORMACIÓN DEL TRABAJO SOCIAL

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 16/10/2020

Natalia Rosario Aranibar Escarcha

Docente extraordinaria de la Carrera de Trabajo Social de la U.A.T.F.

Ciudad de Potosí – Potosí/Bolivia

<http://lattes.cnpq.br/2633142231785168>

RESUMEN: Este trabajo pretende reflexionar sobre lo que se puede entender como descolonización, educación comunitaria y productiva para incluir esos elementos en la formación de trabajadores sociales; se parte de una presentación conceptual y su reflexión sobre su comprensión para que sean categorías a incluir como parte de los procesos de enseñanza-aprendizaje de la profesión, incorporando además el análisis de la influencia familiar en ese proceso. Se concluye estableciendo los fines de la formación en Trabajo Social desde la perspectiva presentada y señalando cuál sería el rol del formador.

PALABRAS CLAVES: Trabajo Social, descolonización, formación

ABSTRACT: This work aims to reflect on what can be understood as decolonization, community and productive education to include these elements in the training of social workers; It starts with a conceptual presentation and its reflection on its understanding so that they are categories to be included as part of the teaching-learning

processes of the profession, also incorporating the analysis of the family influence in that process. It concludes by establishing the aims of Social Work training from the perspective presented and pointing out what the role of the trainer would be.

KEYWORDS: Social work, decolonization, training

CONTENIDO

“Sin educación no hay futuro, y nuestra educación es lamentable, los chicos salen de las escuelas sin saber nada y en la universidad es pero, no hay buenos profesionales y los pocos que hay prefieren irse a donde les pagan bien, en Bolivia la educación es de lo peor.....el país se va en picada.....”

Comienzo parafraseando a un amable señor que conocí durante el recorrido de una ruta del transporte público de mi ciudad. La verdad es que no recuerdo su nombre, pero era un ciudadano común y corriente como cualquiera de nosotros, aproximadamente de unos 45 años de edad, padre de tres hijos, trabajador por cuenta propia –hasta donde entendí- y si bien eso paso hace ya bastante tiempo, es una de esas conversaciones casuales que suelen quedarse en la memoria. Y similares opiniones he escuchado no solo de la educación en términos generales, sino de la formación universitaria de los trabajadores sociales (al menos en mi ciudad), notándose además –aunque no es parte de este trabajo- la

desvalorización de nuestra profesión. Siendo así es que bajo el rótulo de educación en su sentido amplio, se hace referencia también al proceso formativo para el Trabajo Social.

Y bueno. Ese parecer es bastante popular por cierto, los elementos que son común denominador al hablar Bolivia y de la educación en el país suelen presentar muchos adjetivos severos, y así como hay valiosas críticas constructivas, también existen argumentos rígidos y mecánicos que no ven las potencialidades ni los aciertos existentes (y creo que ocurre igual en otros países)

Ahora bien, considero necesario el avanzar en el tema y observarlo desde una óptica más amplia, he tenido la oportunidad de nutrirme de la experiencia, opiniones y aportes de varios entendidos en el tema, tanto de la educación en general, como de la formación en Trabajo Social en particular, y es justamente el resultado de esas reflexiones que surgen estas consideraciones, expuestas estableciendo la implicancia del cambio social y la educación, la educación descolonizadora, lo comunitario en la educación, lo productivo en la educación, y educación, familia y sociedad.

Cambio social y formación

El historiador Inglés Tonbee (citado en De la Espriella, 2008) decía acertadamente que *“lo malo de la historia es que no aprendemos de la historia”*, y se confirma esa afirmación en el plano individual y social, pues hay la tendencia a repetir errores. Qué es sino la crisis civilizatoria sino la perpetuación de una serie de errores histórico sociales.

No hay que hacer profundas reflexiones epistemológicas para darse cuenta que la crisis es a la actualidad como del buen paceño la marraqueta al café: infaltable. Y el hablar de crisis ya es en sí tremenda tarea, el desequilibrio en lo ambiental, económico, cultural, político, social y humano es tal que parecería que estamos en el guión de una película hollywoodense al mejor estilo “2012”, y lo que es peor, la humanidad toda tiene el rol de extra en la filmación.

Cada año se pierde por la erosión un espacio similar al tamaño de Alemania, el calentamiento global amenaza con destruir la especie, en el África solo el 30 % de la población tiene acceso a agua potable, el modelo 20/80¹ va en camino a convertirse en un 15/85 o incluso en un 10/90, y en el grupo del 90 % se ha ido generando mentalidades y actitudes que son capaces de lo que sea para traspasar llegar lo más cerca posible del otro grupo porcentual, narcotráfico, tráfico humano para la prostitución y el mercado de órganos, conflictos políticos, constante amenaza de guerra mundial, la inseguridad ciudadana hace temblar a los ricos por su riqueza y a los pobres en su pobreza, crímenes de odio, violencia.....miedo..... tal como dice Eduardo Galeano (1998),es el tiempo del miedo, miedo de vivir y miedo de morir.

En Bolivia eso también se hace evidente, la profunda crisis en la que se encuentra es la sumatoria de errores de distinto origen, que si bien tienen su génesis en el proceso de

¹ Ese modelo indica que el 20 % de la población mundial concentra el 80 % de la riqueza.

conquista y colonia de hace más de 500 años, se han recreado en su devenir republicano y se tiene ahora en un contexto mundial de despertar de conciencias y crítica de un sistema mundo que ha fracasado², la coyuntura precisa para repensar en el cambio social con una perspectiva distinta y renovada.

El momento histórico es crucial, y la fórmula incluso es sencilla, si el sistema mundo caracterizado por el individualismo, mercantilismo, competitividad y transnacionalismo, no está dando resultados, probemos con sus contrarios. Frente al individualismo relevemos lo comunitario, en lugar del mercantilismo la reciprocidad, cooperación en lugar de competitividad y recuperemos lo nuestro, retornemos a lo pequeño, lo micro, en vez del monopolio transnacional.

Sin hacer apología política, si hay algo totalmente certero en la propuesta teórica del nuevo modelo de Estado es que se orienta en ese sentido, y dice con la voz que emerge de la tradición originaria andina-amazónica que se debe recuperar el valor de la vida en comunidad. Michel Foucault (1980) afirma que el hombre moderno ha perdido su cualidad de ser humano y carece de libertad y dignidad, entonces, hay que guiar a éste hombre moderno en un nuevo camino más humano, con libertad y dignidad. Es ahí donde entra la educación.

Si nos remitimos a la raíz de la palabra educación; del latín educere “guiar, conducir”, encontramos la clave, debemos justamente hacer eso, conducir a la sociedad, a la humanidad en una dirección nueva, o dotar de nuevos argumentos a la dirección asumida, pero en todo caso procurar el cambio social, el cual debe traducirse en cambio de conducta, de actitudes sociales e individuales, en reasumir y reafirmar la identidad y en ver las cosas, la vida misma ya no solo por el espejo, sino por la ventana, y es el proceso educativo donde se deben fijar los conocimientos, procedimientos, actitudes y valores donde la cultura encuentre una expresión vinculante y de transformación. Y eso se debe tomar en cuenta al hablar de la formación en Trabajo Social.

La educación *“moldea, transforma y esculpe, en resumen, embellece, por eso la forma ética de buscar bienestar es a través de la educación.....gracias al doble proceso de la educación, de formación y evolución de la sociedad, de construcción moral y beneficio social”* (Ruíz, 2005: 52).

Para ello, en cada sociedad se debe establecer un modelo o tipo ideal acerca del tipo de ser humano, ser social y comunidad se desea alcanzar como objetivo, en los planos físico, espiritual, cognitivo, cultural y organizativo con visión estratégica, mirando siempre más allá, y si eso se debe establecer a nivel societal, también se debe hacer lo propio desde la disciplina.

Educación descolonizadora

El análisis de los mapas de Gavin Menzies y Enrique Dussel sirvió de pasaje a un ² Hago referencia los movimientos que en distintos países (incluido el nuestro) están surgiendo y/o fortaleciendo a nivel mundial, bajo la consigna de que otro mundo es posible, y más que eso, necesario.

viaje mental por la geografía de las expediciones en América y la lógica de la colonización posterior; nos vestimos de historia y salimos a recibir a quienes se habían dado a sí mismos el rótulo de “descubridores”³, para ver –por si acaso- tenían buenas intenciones para con estas tierras y sus habitantes. Pues no.

El señor eurocentrismo⁴ entraba con látigo y sin dar tregua, se acomodaba sobre culturas y gentes, aplastándolas, y desde ese inmerecido trono se preparaba para cuidar a sus hijos colonialidad, modernidad, capitalismo y sometimiento –quienes luego procrearon y procrearon- y los amamantó con nuestras riquezas. Simplemente se quedó.

La colonización es un proceso vinculado a la invasión y la conquista (Callisaya, 2010), ligado al dominio de la tierra y del territorio⁵, con un fuerte componente psicosocial. Para poder consolidar la dominación y el sometimiento de tiene que “reducir” al conquistado.

Eso fue justamente lo que se hizo, redujeron a los habitantes, sus relaciones, su estilo de civilización distinto, oprimieron a los “otros” y en sus rasgos y en su piel encontraron marca la distinción, surgiendo así la idea del *racismo* como sustento de la superioridad y la modernidad; al creerse los colonizadores superiores por raza y civilización se sienten obligados a desarrollar a los primitivos a la luz de Europa y de sus creencias “*que señalan a los cristianos como dueños y superiores –los evangelizadores- y a los indígenas como inferiores y sometidos –los evangelizados*” (Forcano, 1992: 312).

Y lo peor es que nos creímos el cuento de que “somos inferiores”. Aprendimos el libreto y lo actuamos muy bien.

Pero en fin, llegaron, sacudieron, explotaron, violaron, se mantuvieron y reprodujeron a nuestras costillas –o mejor dicho, sobre nosotros- y nunca sabremos a ciencia cierta qué hubiese pasado si no nos colonizaban, lo cierto es que así fue. Y de colonia de la corona hemos pasado a ser colonia de potencias que han marcado pautas de vida; de una diferenciación entre españoles, criollos, mestizos e indios, se ha establecido ahora como diferencia –al decir de Bolívar Echeverría (2007)- la blanquitud, al ritmo del *american life style*⁶; pero el ímpetu de sometimiento y dominación no ha cambiado, y en cierta medida, nos hemos vuelto sus cómplices más eficientes.

La educación, en ese sentido y durante siglos ha sido instrumento de colonización,

3 Hay fehacientes pruebas de que los expedicionarios chinos y bárbaros estuvieron en tierras americanas antes que Colón, y que más bien éste se basó en los mapas previos para llegar al continente americano; así que establecer 1492 como fecha del “descubrimiento” no es adecuado. Así de fehaciente también es el hecho de que los enviados de los reyes católicos tenían fines claros: dominar, obtener riquezas, anular cultura. Por ello es que de Colón procede -acertadamente- el término colonia y sus derivados colonización, coloniaje, colonialidad.

4 Deseo aclarar que no estoy en contra de Europa o de lo europeo, hermoso continente con bellas personas, que, al igual que nosotros luchan por mejores días, sino que, sin que los actuales europeos sean culpables, reafirmo mi postura acerca de lo nocivo que fue para las tierras y habitantes de América la conquista, la colonia y sus secuelas.

5 Tierra como espacio físico, poseedora de recursos, y territorio como espacio cultural, poseedor de costumbres y formas de organización específicas al grupo humano que lo ocupa.

6 Más allá de la diferenciación étnica o racial, para Echeverría, la Blanquitud es la visibilidad de la ética capitalista en tanto que está sobredeterminada por la blancura racial que se relativiza a sí misma al ejercer esa sobredeterminación. Es decir, no blancura de raza, sino “blanquitud” como representación de la nueva dignidad humana, un racismo que es tolerante siempre y cuando se sostenga en las características del ser humano moderno-capitalista: el ethos del estilo de vida americano.

de negar lo distinto, de herramienta de la modernidad⁷, mediante la educación se ocultó la cultura, la lengua, la cosmovisión y la razón del “otro” (es decir, de nosotros mismos). Pero si su presencia buscaba el mantenimiento del orden establecido mediante el adoctrinamiento, la ausencia de educación era categoría de diferenciación social, de clase y raza, pues la formación escolar era privilegio de los ya privilegiados; un maestro comentaba como los padres antiguamente solían cambiar el apellido a sus hijos para evitar que los tacharan de indios, pues en la escuela debían dejar de ser lo que eran, parecer otra cosa, “dejar de ser para parecer” fue durante mucho tiempo la llave de ingreso a instituciones educativas y más aún en la educación superior.

En Bolivia se tiene una experiencia por demás interesante, en 1931 se crea la escuela ayllu de Warisata, y durante su existencia tuvo como concepción ideológica “*no solo educar en el arte de leer y escribir, ni solo mejorar la producción de bienes y servicios para una mejor vida, sino también era declararse enemigo de la esclavitud, el abuso y la explotación física, material, intelectual y espiritual de la oligarquía; era revolucionaria, liberadora y transformadora de la realidad socioeconómica lingüística y política de los pueblos originarios*”(Condori y Huanca, 2009: 10)

Antecedente por demás importante de la educación descolonizadora, pero, ¿qué es descolonizar?, entendiendo como descolonización al “*deshacernos de los modelos impositivos y darnos cuenta de que hay otros prototipos mucho más humanos, por ejemplo, el vivir bien...*” (Callisaya, 2010:75) es decir, el reencontrarnos.

Pero éste reencuentro no supone obsesionarnos con el pasado perdiendo tiempo para encarar el futuro (Oppenheimer, 2010), ni es la regresión al pasado o la negación de lo que es el presente, en términos de Callisaya (2010), es un reencuentro entre “lo andino y lo occidental”, siendo lo andino nuestra cultura, nuestros valores, nuestra forma de interactuar con la naturaleza, con los semejantes, con los otros, implica la recuperación de lo que se nos fue vedado, y lo occidental es también un sistema de usos, costumbres, adelantos científicos propios del avance tecnológico, es decir, ingresar al campo de lo intercultural.

Vale la pena señalar que en esos espacios de reflexión que se tuvo, la desmitificación de lo que la descolonización significa fue un logro digno de resaltar. Aún hay una errada concepción de su significación, se suele pensar que descolonizar significa anular lo que de positivo tiene la vida contemporánea, algo así como desmerecer los logros del desarrollo actual y sacrificar lo que de positivo el estilo de vida actual para que *todos los bolivianos y bolivianas no usemos avión y viajemos en burro o dejar de comer hamburguesa como símbolo de colonialismo imperial y masquemos coca en la cena*. Totalmente equívoca la posición.

⁷ Modernidad entendida como proyecto eurocéntrico de salida de la inmadurez por un esfuerzo de la razón como proceso crítico, que despierta a la humanidad a un nuevo desarrollo desde una visión intraeuropea, es decir, teniendo a Europa como el centro del mundo y cuna de la civilización, siendo todo lo demás “periférico”. La modernidad como proceso crítico buscaba anular todo aquello que no era europeo o que no se sometía a la razón –al tipo de razón europea– siendo así el “bárbaro” el “indígena conquistado” un opositor a la modernidad, el culpable por no estar “civilizado” y de ésta manera se justificaba la violencia como mecanismo para eliminar los obstáculos de la modernización.

Descolonizar es promover interculturalidad a partir de lo intracultural⁸, es la concurrencia entre dos sistemas de valores derrocando imposiciones y reconstruyendo saberes y vivencias, es mirar atrás no para quedarse en esa contemplación, sino para iluminar lo mucho que queda por andar. Es aceptar la contradicción complementaria de dos sistemas simultáneos.

Y es en la educación, constante transmisión cultural, donde el proceso descolonizador se asienta y debe fortalecerse; solo mediante la educación será posible consolidar el cambio y la evolución de disposiciones mentales poscoloniales, por medio del reconocimiento y fortalecimiento de identidades propias sin arrinconar el conocimiento universal para la construcción de una nueva sociedad libre de toda discriminación y exclusión.

Lo comunitario en la educación

Ahora bien, nos toca preguntar ¿qué se tiene que descolonizar? En primer lugar, tenemos que evitar caer en una mentalidad “colonial” sobre descolonización, no se trata de imposiciones “descolonizantes”; es decir, no debemos pensar que lo nuestro es superior.

Una vez vista la descolonización desde una perspectiva crítica y amplia, el paso siguiente es identificar el puntal de la crisis del sistema mundo actual y a partir de ello, cambiar los valores que lo sustentan. Claro está que el individualismo es ese puntal, entonces, se opta por su contrario: lo comunitario.

Suele simplificarse éste término aludiendo como comunitario solo al hecho de vivir en comunidad, pero la concepción adecuada es la “de un mundo comunitario, de un mundo de ampara dónde no cabe exclusión alguna. Cada quien (ya sea un hombre, un árbol, una piedra), es tan importante como cualquier otro” (Grillo, 1993: 24). Lo comunitario como actitud, conducta, sistema de valores, estilo de forma, forma de relación socioeconómica y ambiental, y como política de Estado, implica superar el afán de acumulación individual sin negar la individualidad; esto es, asume a cada persona como entidad única y con sus propias aspiraciones e intereses, habilidades e incluso desaciertos, pero miembro de una colectividad cuyas aspiraciones, intereses, habilidades —e incluso desaciertos- no puedan subyugarse a los de tipo particular.

Lo comunitario, al decir de Balcas Mamani (2011), es un “actuar juntos” sobre la base de cuatro principios que garanticen el funcionamiento social para vivir bien⁹: relacionalidad

8 Interculturalidad e intraculturalidad son las dos caras de la moneda descolonizadora; de lo contrario se caería en la exclusión. Según Fidel Tubino (2004) hay dos interculturalidades, la funcional, que busca el consenso para ocultar la subordinación siendo así útil al neoliberalismo; y la crítica, que busca la transformación social sobre la base de la convivencia de diferencias y el respeto de las mismas; es éste tipo de interculturalidad el que nos interesa. La intraculturalidad, siguiendo a Mario Galindo (2007) es el fortalecimiento de las identidades individuales y colectivas de cara al bien común. Entonces, intra e interculturalidad se presentan como proceso descolonizador que rompe asimetrías hacia la autodeterminación, siendo la transformación de la educación descolonizadora paralela y complementaria de todo el proceso social de descolonización (económico, político, cultural) para entablar un diálogo horizontal y de respeto cultural.

9 Paradigma, propuesta de una forma de vida en armonía con la naturaleza, la comunidad, la diversidad y uno mismo; reconocimiento de la naturaleza-madre tierra- como un ser vivo, sujeto de derecho con quien se tiene una relación indivisible, interdependiente, complementaria y espiritual.

(entre la naturaleza, hombre y huacas¹⁰), correspondencia (una realidad siempre implica otras realidades), complementariedad (toda acción está articulada a muchas relaciones con otros seres y otras acciones) y reciprocidad (intercambio, contribución, acto recíproco, colaboración) y el acto educativo deberá integrar en su proceso de transmisión de saberes y haceres y sentires estos principios reguladores.

En el campo educativo, se asume además que el currículo debe ser construido por la comunidad, desde la realidad local, formas de vida, historia y organización económico social de la comunidad, fomentando el trabajo colectivo y la práctica de valores éticos, así como incorporar en él las demandas y concepciones sociales de la comunidad con visión intra e intercultural.

Lo productivo en la educación

El trabajo físico y/o intelectual ha sido y es la base de la realización personal, colectiva y del bienestar, por lo tanto, y considerando que no puede haber liberación social si no hay liberación económica, es que la meta es producir.

Pero no producir con la lógica nefasta del capitalismo moderno y de la avidez consumista, sino más bien fortalecer el trabajo productivo y creador como vía para mejorar la calidad de vida y promover el desarrollo integral de la comunidad (Villca, 2008); es la ansiada relación entre teoría y práctica puesta al servicio de los requerimientos de la comunidad nacional e internacional con alto contenido ético y dentro del marco del vivir bien.

Lo productivo se orienta a la producción intelectual y material articulada a las vocaciones y cadenas de producción, crear arte, ciencia y tecnología útil y no superflua, identificar capacidades individuales y hacerlas colectivas, apoyar al desarrollo colectivo a partir de la iniciativa individual, producir sin el látigo de la productividad desmedida y deshumanizada. En Bolivia la Constitución Política del Estado, reconoce una economía plural¹¹ en el país y pretende fortalecer relaciones de intercambio, antes que las del mercado capitalista, y hacia esas relaciones de intercambio –con visión humana/comunitaria- es que se dirigen los resultados de la producción.

En el campo netamente educativo, *“la educación productiva es el proceso de enseñanza y aprendizaje a partir del desarrollo de saberes y conocimientos relacionados con la producción intelectual, material y espiritual de la comunidad y de la sociedad, orientada a garantizar el proceso de producción, conservación, manejo y defensa de los recursos naturales”* (Flores, 2011: 77) y cuyo resultado sea de beneficio individual y de la

10 Deidades o divinidades, seres protectores y espacios sagrados del mundo andino.

11 Reconoce, defiende y establece la necesidad de equilibrio, complementariedad y desarrollo de economía estatal, privada, comunitaria y social cooperativa (artículo 306. II. CPE)

comunidad y sus miembros.

Educación, familia y sociedad

La Ley Avelino Siñani y Elizardo Pérez plantea la educación escolarizada y no escolarizada, que en su nivel inicial es de tipo Familiar Comunitaria ¹² quedando establecida la participación de la familia en el proceso educativo. Aspecto por demás importantes pues asume la educación desde su perspectiva más amplia, tanto dentro como fuera de la institución educativa, y es un punto clave para encarar el proceso de cambio, un elemento que se debe tomar en cuenta con mayor relevancia a la que tiene actualmente.

Es más, si uno de los objetivos de la educación es generar un proceso descolonizador, se debe tomar en cuenta que esto implica *“acciones integrales de carácter estructural que trasciende en el ámbito de la educación a las clases sociales, a pueblos originarios y las regiones.....para la descolonización del sistema es preciso descolonizar nuestra sociedad en general, porque el entorno que rodea a la escuela también es un contexto colonizador. Todo proceso de descolonización debe trascender los muros de la escuela”*. (Calisaya, 2010: 75).

Y que es lo que está antes, durante y después de la escuela y del colegio y de la universidad: la familia. Si lo que se desea es enfocar la descolonización social, el vivir bien, primero se tiene que descolonizar y lograr un vivir bien en la familia. Decía un maestro *¿qué puedo hacer cuando lo poco que logro en el aula se pierde o no es fortalecido en la casa?* Y razones le sobra para plantearse esa duda, y en la educación superior, la relación con la familia es básicamente nula, aumentando las dificultades; veamos el siguiente cuadro¹³:

12 Artículo 12. (Educación Inicial en Familia Comunitaria). Constituye la base fundamental para la formación integral de la niña y el niño, se reconoce y fortalece a la familia y la comunidad como el primer espacio de socialización y aprendizaje. De cinco años de duración, comprende dos etapas:

Educación Inicial en Familia Comunitaria, no escolarizada.

Es de responsabilidad compartida entre la familia, la comunidad y el Estado, orientada a recuperar, fortalecer y promover la identidad cultural del entorno de la niña y el niño, el apoyo a la familia en la prevención y promoción de la salud y la buena nutrición, para su desarrollo psicomotriz, socio-afectivo, espiritual y cognitivo. De tres años de duración.

Educación Inicial en Familia Comunitaria, escolarizada.

Desarrolla las capacidades y habilidades cognitivas, lingüísticas, psicomotrices, socio-afectivas, espirituales y artísticas que favorezcan a las actitudes de autonomía, cooperación y toma de decisiones en el proceso de construcción de su pensamiento, para iniciar procesos de aprendizaje sistemáticos en el siguiente nivel. De dos años de duración.

13 Elaboración propia teniendo como referencia el cuadro planteado por Gonzalo Callisaya (2010: 76).

LO QUE SE TIENE	LO QUE SE QUIERE	LA CONTRADICCIÓN
Individualismo	Comunitarismo	Carencias económicas en la familia, insatisfacción de necesidades básicas, exigencias no correspondientes a responsabilidades familiares
Autoridad paternalizada	Autoridad comunitaria	Familias normalmente con subyugación a la autoridad paterna
Vivir independiente	Vivir en familia	Familias desintegradas, problemas de violencia, alcoholismo, etc., mala comunicación familiar.
El ser lineal	El ser cíclico	Rigidez dentro de la familia, castigo como forma de disciplina.
Yo	Nosotros (incluyente)	Un nosotros excluyente, la familia y sus necesidades frente a las necesidades colectivas
Sentimiento individualista	Sentimiento de pertenencia	Desintegración familiar, niños y jóvenes que sufren las consecuencias del abandono o la omisión
Separación	Integración	Divorcio, ruptura familiar, inseguridad.
Racismo	Compañerismo	Familias sin comunicación interna, se refuerzan antivalores.

Sería una errónea generalización afirmar que todas las familias sufren estos problemas, como sería absurdo el no querer ver que además de la crisis mundial, ambiental, política, social, cultural y económica no hay una crisis familiar, consecuencia de las anteriores y además, espacio privado dónde se refuerzan aquellas conductas que se están intentando modificar.

“Tenemos que crear esa cultura de la educación.....no son solo importantes los estudiantes sino también los padres” (Oppenheimer, 2010: 394-395). Si el ayllu es la base de la vida comunitaria y del reforzamiento de sus valores, y teniendo en claro que el proceso de cambio –a partir de la educación- no se dirige solamente al ámbito indígena originario campesino (aunque en ella se sostenga) sino a todos los actores de una sociedad plural, la familia es la base de esa sociedad y por ende, se le debe prestar mayor atención, pues de lo contrario podría convertirse en un elemento que obstaculice –en lugar de facilitar- el tránsito a una sociedad del vivir bien.

CONCLUSIONES

En relación a lo planteado de forma tan genérica, breve y con imprecisiones, puntualizaré lo que se ha considerado como esencial respecto a cómo las nociones de educación descolonizadora, comunitaria y productiva deberían incluirse en los procesos

formativos del Trabajo Social.

Respecto al **fin o propósito**, se considera que la formación profesional de nuestra disciplina debe *“lograr en el futuro trabajador social una formación integral científica, técnica con pensamiento crítico, reflexivo y propositivo que rompa esquemas mentales individualistas, racistas y discriminadores, articulado a la vida a partir del reconocimiento y práctica de valores éticos, morales, cívico-ciudadanos, en diálogo intercultural con el conocimiento universal, asumiendo el trabajo como una necesidad vital del ser humano para su existencia desde una conciencia integradora y equilibrada con el cosmos y la naturaleza para vivir bien.”*

Para poder lograr eso que nos hemos propuesto, se debe:

- Generar en los estudiantes y docentes de Trabajo Social una formación integral articulada a un enfoque sociocomunitario productivo, en correspondencia a las necesidades de su entorno y del país, sin desvincularse del ámbito de relaciones internacionales.
- Procurar que es esa formación los estudiantes desarrollen un pensamiento crítico, reflexivo y propositivo para aportar al desarrollo local, regional y nacional.
- Fortalecer la educación intra e intercultural en su formación., así como el manejo de una lengua originaria y una extranjera.
- Promover la práctica de valores sociocomunitarios, morales, éticos, cívicos, estéticos y de conciencia integradora y equilibrada con la naturaleza.
- Desarrollar la investigación y producción científica, tecnológica, artística e intelectual a partir del manejo de tecnologías tradicionales y modernas.
- Lograr prácticas descolonizadoras que rompan esquemas mentales individualistas, racistas y discriminadores.

Estos fines se sustentan construcciones teórico metodológicas que interrelacionan, complementan y organizan los saberes, conocimientos, valores y prácticas de las áreas, disciplinas y ejes articuladores del currículo dentro de cuatro dimensiones: ser, conocer, hacer y decidir.

Para esto, el/la formador/a, el/la profesor/a universitario cumple un rol más que importante, para que sean formadores de formadores y líderes, por lo tanto, transcribo algunas de las ideas vertidas acerca del **rol del educador**:

- Capacitarse continúa sobre aspectos teórico metodológicos de la disciplina.
- Asumir una posición crítica respecto a los aciertos y desaciertos del proceso previo y del que toca construir.
- No contradecirse entre “el dicho y el hecho”.
- Aprender a desaprender y reconstruir saberes en diálogo con nuestra identidad,

cultura, valores comunitarios, adelantos científico tecnológicos y su propia cognición, ser también intra e interculturales.

- Renovación del compromiso con y para la formación.
- Motivar el diálogo y la participación.
- Asumir el aprendizaje desde el error.
- Comprensión de que el cambio es un horizonte, y que otro mundo es posible.

Apenas si estamos comenzando con el proceso, y serán varios los reajustes que se deberán hacer en el mismo, pero lo trascendental es que se ha marcado un rumbo, ya se tiene el mapa, para la travesía tenemos que muñirnos de mirada crítica y autocrítica, paso paciente, entereza, y ante todo de mucha humildad. Ha sido un placer iniciar mi travesía con ustedes.

REFERENCIAS

Balcas Mamani, Eloy (2011). *Hacia una educación intra e intercultural como alternativa a la educación colonizadora*. Potosí- Bolivia: Tupac Katari.

Callisaya Ch., Gonzalo. (2010). *Pedagogía Descolonizadora, Intra, Multi e Intercultural*. La Paz - Bolivia: Colecciones Culturales.

Condori, Sixto. Huanca, Emma Fátima (2009). *Nueva propuesta educativa Intercultural-Intracultural-Comunitaria-Productiva-Descolonizadora*. La Paz- Bolivia: EPAE (Equipo Productivo en Apoyo a la Educación).

De la Espriella, Germán Augusto (2008). *Justificación social de la educación*. Consultado en 10, 27, 2011 en www.articulos.org.

Echeverría, Bolívar (2007). *Imágenes de la blanquitud. Sociedades Icónicas, Siglo XXI*, México (1).
Estado Plurinacional de Bolivia (2009). *Constitución Política del Estado*.

Flores Ticona, René (2011). *Educación socio comunitario y productivo en aula*. La Paz – Bolivia. Impresión Visionic.

Forcano, Benjamín (1992). *De la espada y la cruz a la teología de la liberación. ABYA YALA (Amerindia) por descubrir*. Cuaderno de formación del IPES, N° 15, 301-315.

Foucault, Michel (1980). *Microfísica del poder*. Madrid - España: La Piqueta.

Galeano, Eduardo (1998). *Patatas arriba. La escuela del mundo al revés*. Buenos Aires - Argentina: Catálogos.

Galindo, Mario. (2007). *Visiones aymaras sobre las autonomías, aportes para la construcción del Estado*. La Paz-Bolivia: PIEB.

Grillo, Eduardo (1993). La cosmovisión andina y la cosmología occidental moderna. En *¿Desarrollo o descolonización en los andes?*, 1, 9-61.

Oppenheimer, Andrés. (2010). *Basta de Historias*. Buenos Aires - Argentina: Debate.

Ruíz, Gonzalo (2005). *Análisis crítico de la Reforma Educativa*. Cochabamba- Bolivia: Univalle.

Tubino, Fidel. (2004). Del interculturalismo funcional al interculturalismo crítico. En *Rostros y fronteras de la identidad*. Universidad Católica de Temuco. 151-165.

Villca, Simeón (2008). *Hacia un nuevo currículum*. La Paz- Bolivia: Artes gráficas Amauta.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acreditação 12, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219

Adolescentes 9, 12, 69, 107, 108, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 196

Assistência Social 9, 11, 12, 12, 34, 35, 36, 40, 41, 47, 67, 72, 77, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 134, 135, 136, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 164, 165, 166, 182, 185, 186, 198, 240

Ato infracional 12, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193

C

Calidad 209, 210, 212, 215, 217, 218, 219, 226

Cidadania 27, 31, 32, 40, 55, 107, 117, 123, 140, 144, 157, 158, 162, 176, 182, 195, 196, 200, 201, 206

Comunicação 11, 35, 36, 64, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 89, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103

Conselhos 11, 9, 22, 130, 131, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 162, 165, 181, 187, 196

Controle Social 24, 55, 69, 71, 73, 74, 77, 106, 116, 130, 131, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 156, 162, 163, 165, 181, 187, 192

Cuidado 23, 26, 42, 43, 44, 46, 49, 50, 63, 65, 66, 70, 71, 73, 74, 89, 93, 94, 98, 100, 101, 102, 127, 184, 240

D

Desafios 10, 11, 5, 6, 7, 10, 14, 16, 18, 29, 36, 39, 41, 42, 78, 88, 97, 100, 101, 104, 106, 109, 112, 113, 118, 121, 128, 137, 140, 148, 153, 166, 177, 185, 206

Direitos 9, 10, 1, 4, 5, 7, 9, 11, 12, 15, 17, 18, 21, 25, 27, 28, 34, 36, 40, 42, 45, 46, 47, 49, 54, 58, 60, 61, 64, 71, 72, 73, 76, 77, 80, 81, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 126, 127, 128, 130, 131, 132, 135, 136, 137, 139, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 152, 153, 154, 159, 162, 163, 166, 171, 175, 177, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 208, 240

E

Educação 9, 12, 4, 7, 9, 10, 13, 17, 18, 26, 28, 34, 36, 41, 47, 50, 54, 57, 58, 69, 82, 84, 93, 101, 102, 103, 105, 112, 123, 125, 135, 136, 148, 150, 163, 167, 168, 169, 170, 173, 175, 176, 177, 188, 189, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208

Estado 9, 12, 2, 3, 4, 7, 9, 11, 13, 14, 17, 21, 25, 26, 29, 34, 35, 36, 37, 39, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 62, 63, 68, 69, 73, 74, 77, 82, 84, 89, 90, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 118, 119, 121, 122, 127, 128, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 145, 147, 151, 152, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 180, 181, 182, 184, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 195, 196, 198, 200, 203, 209, 211, 214, 218, 222, 225, 226, 227, 230

F

Formação 12, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 227, 229, 230, 234

G

Gênero 3, 8, 10, 11, 12, 17, 21, 23, 25, 26, 29, 30, 37, 70, 74, 76, 79, 87, 88, 142, 143, 151, 152, 155

Grupo 9, 20, 23, 31, 32, 40, 47, 53, 57, 71, 75, 76, 77, 78, 83, 105, 111, 133, 134, 138, 148, 149, 150, 151, 153, 156, 159, 161, 187, 221, 223, 232, 234, 237, 238, 239

I

Investigação Social 13, 214, 216, 232, 233, 234, 235

L

Lei 5, 12, 34, 40, 43, 56, 57, 58, 62, 80, 81, 87, 90, 95, 98, 99, 102, 103, 107, 112, 118, 119, 123, 128, 137, 145, 155, 157, 161, 162, 163, 165, 176, 177, 180, 181, 182, 191, 192, 195, 196, 197, 198, 199, 203, 207

M

Mulheres 9, 11, 12, 7, 22, 23, 26, 35, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 142, 143, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 240

N

Neoconservadorismo 12, 13, 19, 21, 22, 28, 29, 30

P

Pesquisa 9, 10, 11, 5, 7, 13, 19, 20, 22, 23, 25, 26, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 50, 52, 53, 58, 61, 63, 66, 67, 69, 75, 76, 77, 78, 82, 86, 87, 88, 92, 93, 94, 101, 104, 105, 110, 115, 117, 120, 122, 129, 130, 131, 143, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 156, 157, 160, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 176, 179, 183, 192, 207, 240

Pobreza 35, 36, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 116, 120, 123, 126, 127, 129, 142, 151, 152, 153, 154, 155, 158, 166, 180, 221

Política 9, 10, 12, 2, 3, 4, 5, 9, 11, 20, 21, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 39, 40,

41, 43, 46, 47, 49, 50, 52, 53, 55, 57, 58, 60, 61, 62, 74, 76, 84, 87, 88, 99, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 130, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 171, 172, 175, 176, 177, 178, 181, 184, 187, 189, 190, 192, 195, 197, 203, 205, 207, 222, 224, 225, 226, 228, 230, 240

Políticas Sociais 2, 4, 31, 32, 40, 41, 49, 117, 119, 132, 136, 141, 144, 240

Privado 9, 12, 29, 59, 85, 126, 135, 143, 156, 157, 160, 161, 162, 164, 166, 175, 177, 196, 228

Projeto Ético Político 3, 9, 15

Proteção Social 34, 35, 41, 58, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 118, 131, 132, 142, 143, 144, 148, 153, 156, 157, 159

Público 9, 12, 4, 26, 29, 32, 33, 34, 35, 50, 57, 59, 66, 69, 92, 97, 100, 109, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 124, 126, 135, 137, 147, 150, 151, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 166, 174, 175, 177, 186, 189, 190, 192, 195, 196, 206, 220

R

Religião 19, 20, 21, 23, 25, 26, 29, 30

Rio de Janeiro 8, 26, 30, 41, 49, 50, 56, 62, 63, 64, 74, 75, 87, 88, 96, 103, 104, 105, 106, 109, 110, 113, 118, 119, 128, 129, 141, 162, 165, 166, 167, 177, 178, 192, 194, 240

S

Saúde 9, 10, 11, 4, 12, 20, 30, 36, 37, 38, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 69, 70, 71, 74, 75, 77, 82, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 105, 107, 120, 122, 125, 126, 127, 135, 136, 141, 144, 148, 150, 151, 163, 182, 186, 188, 198, 240

Serviço Social 2, 9, 10, 11, 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 59, 60, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 71, 72, 74, 75, 76, 88, 104, 105, 117, 118, 119, 128, 129, 140, 141, 155, 156, 162, 165, 166, 177, 178, 207, 240

Sistema Prisional 9, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 206

Suas 9, 11, 4, 6, 7, 8, 11, 15, 16, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 43, 45, 46, 48, 57, 58, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 87, 88, 90, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 113, 115, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 133, 134, 135, 136, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 168, 169, 172, 173, 175, 186, 187, 188, 189, 197, 199, 200, 201, 206

T

Trabajo Social 12, 220

Trabalho 9, 10, 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 58, 60, 61, 64, 66, 67, 72, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 88, 97, 98, 99, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 114, 115, 116, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 140, 141, 143, 146, 147, 148, 150, 153, 154, 156, 159, 163, 167, 168, 169, 170, 173, 176, 177, 178, 180, 183, 192, 194, 195, 196, 199, 200, 204, 205

Transplante 10, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63

O Serviço Social e a Superação das Desigualdades Sociais 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

O Serviço Social e a Superação das Desigualdades Sociais 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 